



Tema:
"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

RENUNCIANDO.

Autor(es)

AMANDA VON DOELINGER

Contos / Cricas

— Renuncio! — Ele chegou gritando.

Deixei o jornal cair por cima da mesa, franzindo minha testa. O café estava frio, a comida inexistente. E agora, o filho mais velho enfurecido protestando alto com o olhar acusador, fitando meus 40 anos sentados aqui, nesta velha cadeira.

E era assim desde o dia em que a adolescência floresceu em seu jovem coração. Todo o dia, era dia. Dia de renúncia, dia de sofrimento e dia de drama.

Até mesmo um leve discordar de opinião, uma pequena repreensão por seu gênio, acumulava uma enorme quantidade de “você não me entende”. Talvez fosse verdade. Talvez eu não fosse jovem o suficiente para entender.

— Renuncia? — Eu sorri, perguntando-me o que seria desta vez. De fato, motivos era o que não faltava.

Andando de um lado para o outro, o menino responde com uma voz triste.

— Sim. Não consigo aguentar mais. Renuncio, pai. Renuncio essa vida, essa dor inaceitável, este amor não correspondido, esta vida de miséria. Renuncio minha adolescência. Meus 16 anos. Para sempre.

Cada palavra que saía da boca do menino, fervia de tanta indignação. Alegrava-me vê-lo cheio de vida, cheio de emoções. Quantas vezes eu já não havia visto esse garoto com o mesmo sentimento de protesto, a mesma angústia, andando de um lado para o outro nesta casa, trazendo o diabo aqui para dentro?

Será que o sentimento acabaria dentro de alguns anos ou ele conservaria essa dor adolescente para o resto de seus dias? Estaria eu subestimando o que ele sentia?

— O que aconteceu desta vez? — Perguntei um tanto cansado.

— Ela. Ela não me quer.

Bilhões de pessoas no mundo, e era exatamente aquela menina que ele estava destinado a amar. Senti falta de minha adolescência. Meus 16 anos. Eram tantas elas e tão pouco eu...

— Renuncie sua vida, meu filho. A adolescência é isso. É a raiva, o amor, a insegurança... Tudo misturado no seu coração. Diga a ela. Diga que não precisa de seu amor. Diga que não a quer mais.

Eu podia mostrar que o amor nem sempre era descoberto numa idade tão nova, certo? Não era como se ele realmente fosse fã de Romeu e Julieta, ou algo do tipo.

Mas suspirando alto, ele meio que reclamou.

— Mas eu a amo. — Gemeu com a contradição.

— Então diga isso! — Respondi desejando que alguém tivesse me dado a mesma ordem com tanta compaixão naqueles conturbados dias jovens.

Como um trovão, ele correu até a porta, disparando para a rua, esquecendo toda a melancolia de um segundo atrás e deixando aqui seu velho pai com os pensamentos de anos atrás.

Voltei a tomar meu café frio. Ai, meus dezesseis anos!